

Editorial

Interessante acompanhar, pelas páginas do Correio Paulistano, a expectativa crescente que se construiu em torno da *Semana de Arte Moderna*. Desde o primeiro “reclame”, o jornal se colocou diante de algo inédito. De certa forma, alimentou o marco e procurou, por suas páginas, reforçar a ideia da inevitabilidade de um tempo e de um local: a Semana só poderia se realizar em São Paulo e tudo que quanto se pensasse e elaborasse, a partir de então, seria com as bases inaugurais do “1922 Paulista”. Menotti del Picchia, em sua “Chronica Social”, afirma que “será uma semana historica na vida literaria do paiz”. Aquelas três noites de fevereiro, no “theatro maximo da cidade”, representarão o ponto de inflexão: ao desenvolvimento fabril, ao progresso técnico, a terra bandeirante tomará a dianteira, igualmente, no campo das artes. E fará mais: colocará o Brasil em compasso global. “São Paulo, no mundo do pensamento, como em todos os ramos da actividade humana, é ainda o Estado que dá a nota e dita o figurino ao paiz” (Correio Paulistano, 7 fev. 1922). Nos anos que se seguiram, a questão nacional e o papel a ser desempenhado pelo intelectual nos destinos do país, emergem do bojo das discussões estéticas iniciadas no Theatro Municipal. É o momento no qual o grupo inicial se fragmenta em correntes opostas—Antropofagia e Verde-Amarelo—e, assim, não apenas os aspectos artísticos, mas toda a realidade brasileira passará a ser apreendida e considerada por suas análises. São Paulo, 1922, torna-se inescapável.

1922, de fato, revela-se emblemática nos imaginários. Tanto que, ao pensarmos o Modernismo brasileiro, automaticamente nossos referenciais convocam *A Semana de Arte Moderna*, realizada na capital paulista. Não é necessário complementos, adjetivos ou advérbios. Até o termo Modernismos, pensado em sua diversidade, refere-se às linhas que se dividiram a partir do Manifesto da Poesia Pau Brasil. A sombra é tamanha que seus antecedentes não funcionam por si mesmos, mas sempre articulados como prenúncio do que se seguiria. Durante um bom tempo, a crítica literária e a historiografia validaram—ainda que indiretamente—as palavras de Antônio de Alcântara Machado, em artigo para o Jornal do Comércio SP, (1926): “o crítico de amanhã abrirá a boca de assombro diante dêste fenômeno sem igual: uma literatura sempre na rabeira que de um momento para outro, sem preparação, sem exercício prévio, inesperadamente, cava o seu lugarzinho na primeira fila”.

Entretanto, ainda que *A Semana de Arte Moderna* seja de extrema importância e seus dobramentos se configurem, efetivamente, como elemento constituinte de diversos aspectos socioculturais de nossa realidade, vale considerarmos que marcos são construções sociais, frutos de relações de poder que atravessam tempos e espaços, em imposições e negociações. Nesse sentido, revisitações são necessárias. Por elas, podemos entender as ricas dinâmicas do Movimento Modernista, para além do palco do Municipal, com a participação de um número maior de vozes, tempos e lugares. Elementos díspares, que convergem e dialogam com 22, mas também refutam e guardam singularidades.

Dito isto, abrimos o Dossiê com o artigo *A Semana de Arte Moderna: legados, tramas e bastidores*, no qual os autores Luís Carlos Pereira Alves, Daiane de Moura Rodrigues e Leandro Soares da Silva trazem um panorama interessante sobre a Semana de 1922, com problematiza-

ções necessárias para pensarmos suas influências e desdobramentos. Na sequência, o historiador Leonardo da Silva Claudiano toma como base o primeiro livro publicado por Oswald de Andrade, um dos expoentes do Modernismo de 22, e analisa as relações entre História, Cidade e Literatura, no artigo *História e Cidade em “Os Condenados”, de Oswald de Andrade*.

Cenas cotidianas e tensão social no conto: “A Sociedade”, de Antônio de Alcântara Machado, dos críticos literários Evandro Fantoni Rodrigues Alves e Lara Cristina Nascimento Queiroz, também transita nas fronteiras entre História e Literatura, demonstrando como Antônio de Alcântara Machado percebeu e expressou, em forma literária, a cidade de São Paulo e as interações entre paulistas e italianos. Posteriormente, temos o ótimo artigo de Samara Chiaperini de Lima, *Tradições populares na produção intelectual de Mário de Andrade: viagem, pesquisa e criação literária em “Vida do Cantador”, no qual, em companhia de Mário de Andrade, caminhamos pelos limites da pesquisa etnográfica, do ensaio e da ficção*.

A historiadora Thays Fregolent de Almeida, em *Diálogos entre o modernismo conservador e a política de ocupação territorial da marcha para o Oeste: o neobandeirantismo paulista (1928–1940)*, apresenta o excelente estudo sobre as relações entre o modernismo conservador e a Marcha para o Oeste, tendo como base a produção intelectual e a ação política de Cassiano Ricardo.

No artigo *Outra Arte Moderna antes de Modernismo de 1922*, Michele Bete Petry pensa o circuito cultural entre Brasil e França, principalmente, e a emergência da *Art Nouveau*. Fechando o Dossiê, temos *Tarsila do Amaral em perspectiva: uma análise do quadro “O batizado de Macunaíma”, 1956*, de Bruno Miranda Braga, com considerações instigantes acerca de Tarsila do Amaral e d’O batizado de Macunaíma.

Na Seção Livre, Isabela Padilha Papke e Mateus Roque conduzem pesquisa substancial, por meio do materialismo histórico-dialético, tendo como corpus os contos *Embargo e Coisas*, de José Saramago: *Embargo às coisas: alegoria, alienação e marxismo em José Saramago*.

O professor Francisco Isaac D. de Oliveira apresenta a análise iconográfica da ilustração *Dress for the Race-track by Beer*, de Pierre Brissaud, em *Arte, moda e imagem: o frenesi da modernidade na década de 1920*.

Na Seção Prática Docente, temos o texto *Mude seu mundo: Missão Angola, um relato de experiência*, de Marcelo de Andrade Bastos e Francisco Carlos Ribeiro. E, em Prosa e Poesia, a poeta Elieni Caputo nos traz *Morte Contemporânea*.

Aproveitem a leitura.

Bruno Miranda Braga (PUC-SP)

Leonardo da Silva Claudiano (PUC-SP)

Vilma Cristina Soutelo Assunção Nosedá (PUC-SP)